Aveiro, 9 de Junho de 1962 • Ano VIII • N.º 398

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS

PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS EM «A LUSITÂNIA» RUA DE HOMEM CRISTO, 17-25 TELEFONE 23886—AVEIRO

Apresentação de um Romancista

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

por **RIBEIRO COUTO**

ÀS duas da manhã, numa rua da Baixa, um vulto esguio, de vagarosos movimentos, um jeito vagamente estrangeiro: Joaquim Paço d'Arcos vai tomar o eléctrico. Há meses que não nos vemos. Aproveito o encontro agradável para conversarmos um pouco sôbre literatura, sôbre política, sôbre a guerra (êle é chefe dos serviços de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros e por isso «vive» pela observação a grande tragédia a que Portugal não teve que dar o seu sangue). Mas é principalmente de literatura que falamos. Peço-lhe notícias do seu último romance, já anunciado. O Caminho da Culpa.

— Está para breve. E o editor quer imprimir também uma edição para o Brasil. Gostaria de que você fizesse um prefácio. O público brasileiro pouco me conhece. Quer escrever algumas palavras de apresentação?

Apresentar um autor não é para poucas palavras. Sobretudo um autor como êste, que apesar de ainda jovem tem uma existência cheia de episódios interessantes nos cinco continentes; e que pôs em sua obra — contos, romances e peças de teatro — a sua própria experiência do mundo e a lembrança das criaturas humanas que viu passar (e lhe abriram o segredo dos seus dramas).

A fazer projectos, vale mais fazê-los ambiciosos. Imaginei desde logo, enquanto conversava, as linhas dispersas do ensaio que a vida e os livros de Joaquim Paço d'Arcos merecem, tanto mais que há entre essa vida e êsses livros uma absoluta dependência de sentimentos, cronologia e estrutura novelesca.

Para ter a honra de falar de Joaquim Paço d'Arcos no Brasil eu não podia estabelecer condições; mas em todo o caso ousei avançar uma: que o editor não tivesse pressa. Eu precisava de algumas semanas de férias para reler toda essa obra e preparar o meu trabalho.

Não tive as férias. Nem por isso Joaquim Paço d'Arcos me dispensou do prefácio, na ilusão de que os leitores brasileiros necessitam de mim para desde logo compreendê-lo e admirá-lo.

Tanto pela vastidão das suas criações de romancista em pleno desabrôcho de um grande talento, como pelas questões morais e problemas literários que essa obra sugere, ser-me-ia impossível, no atropêlo das minhas ocupações ordinárias, escrever o ensaio que com tanto gôsto desejei fazer. Do ambicioso projecto ficaram apenas algumas notas biográficas que pedi a Joaquim Paço d'Arcos e que êle, achando um tanto supérflua a minha exigência, dactilografou na minha máquina uma noite, entre dois cigarros, depois do jantar. Está claro: o primeiro romance de Joaquim Paço d'Arcos é a sua própria vida, romance ilustrado de viagens e aventuras sucessivas com florestas da África, brumas de

Continua na página 3

Um artigo do DR. QUERUBIM GUIMARÃES

EVOCANDO O General João de Almeida

PASSOU, há pouco, mais um aniversário da morte deste grande português. A data ficaria despercebida se a não tivesse lembrado o Centro Extra-Escolar da Mocidade Portuguesa, desta cidade, evocando a memória desse seu glorioso patrono, sufragando a sua alma com uma missa celebrada na Sé Catedral.

Pois a data não devia ter sido esquecida, dada a altura a que se elevou o seu nome na história portuguesa do último quartel do século passado e primeiro do que está correndo.

João de Almeida é um dos grandes desse ciclo de façanhas militares de ocupação e consolidação do nosso império ultramarino, então, como hoje, tão ameaçado. A visão do Rei D. Carlos e a sua decisão de dar vida e força a essa obra de consolidação de um domínio secular mas que vinha a ser abalado por astuciosas manobras de estranhos ambiciosos do que era nosso (a História repete-se, neste jogo humano de interesses que, por vergonha, se não confessam) fez sossobrar a campanha em que vorazes bocas se abriam, aqui e além, olhos postos na presa, que, por débil de forças, (o direito vale pouco para tal gente) julgavam de fácil conquista.

O malogrado Rei D. Carlos viu o problema e, sob a sua direcção e incitamento superiores, viu realizado esse plano e ilustrada essa página da História com a galeria dos feitos que celebrizaram vários nomes, entre eles o de João de Almeida.

Vivemos, hoje, desse passado, do gesto brilhante que deu sequência, pelo heroísmo português, à obra iniciada no século áureo da conquista.

Se não fosse a decisão firme de D. Carlos e o ardor patriótico desses varões ilustres que ofereceram a vida em holocausto da Pátria ameaçada, há muito eramos um zero no valor internacional, presos na armadilha traiçoeira de simuladas amizades.

Nos tempos que correm, em que, com outra táctica — a da auto-determinação e independência assopradas aos ouvidos dos povos negros — mas com o mesmo objectivo criminoso, faz bem lembrar aquele gesto glorioso e evocar figuras como a do Herói dos Dembos, *esse arranco destemido*

Continua na página 3

VI FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

APONTAMENTO DE JOÃO ARTUR

Em ambiente de entusiasmo, o breve trecho transformado num arrebatado calor, teve lugar, na passada quarta-feira a audição do «Orfeon de Pamplona», integrado no Festival Gulbenkian.

Para além dos reais méritos do agrupamento espanhol, o quasi delírio observado, deve filiar-se na «fome» de música existente entre a maioria do auditório. Assim, o desbordante aplaudir correspondeu à satisfação de um escondido desejo, muito mais do que ao prémio concedido ao Orfeão.

Este, é um sólido agrupamento cheio de prática, na posse de apreciáveis recursos, e cujos componentes não são poupados a repetições e ensaios frequentes. O Maestro Pirfano concedeu, efectivamente, quase inteira liberdade aos naipes, o que significa confiança, ou, também, de certo modo, uma recompensa à apertada vigilância e rigorosa observação da partitura a que o grupo deve ter estado sujeito para poder desempenhar o seu papel na «Missa Solene» de Beethoven. O programa executado dividia-se em três partes bem distintas. Na primeira, tivemos ocasião de lembrar com saudade a nossa «Poliphonia» e o ainda mais nosso «Coral Aleluia». Esta saúdade não pretende menosprezar o brilhantismo dos espanhois, que satisfizeram na medida em que se mostraram senhores da arte de cantar em conjunto; não conseguiram, porém, dar-nos aquela suave e repousada tonalidade em que a luz não nos surge com brilho de ofuscar...; na segunda foram muito felizes, muito intencionais e por vezes vieram a demonstrar a sua real categoria; ao madrigal «Cetro Efémero» imprimiram um cunho tão castiço e humano que, aí sim!, os aplausos foram de contagiados por beleza e não de impelidos por «molas-nervo»; renovaram o seu direito às palmas nos três Espirituais negros, um dos quais em extra; e na última parte, conseguindo dar-nos um Falla igual ao do das «Noites nos jardins de Espanha», conseguiram ainda interpretar um Lopes Graça que devia

Continua na página 7

Uma opinião do DR. FRANCISCO RENDEIRO

FRENTE PATRIÓTICA

11

«No plano da condução da vida política e administrativa, central e local, haveremos de valorizar, sem hesitação, todos quantos sabemos terem fé e serem por isso incapazes daquelas atitudes indecisas ou dúbias tão nossas conhecidas e que procuram estar de bem com Deus e com o demónio.»

...«A nossa luta deverá também, e, sobretudo desenvolver-se em actos positivos, capazes de gerarem uma segurança de tal forma consciente que possa, por si, resistir a todo e qualquer ataque.»

...«De alma alevantada, de mãos puras, de vontade firme... todos continuaremos Portugal.»

«Diário de Notícias», 29-5-1962, pág. 6, discurso do sr. Ministro de Estado.

Em 24-IX-1959 a habitação do sr. Alfredo Marques Malícia, na vila de Estarreja, foi ilegalmente invadida por empregados da Câmara de Estarreja que, na execução de ordens do respectivo Presidente, entulharam o poço de abastecimento de água. O proprietário levou recurso da decisão da Câmara e ganhou o recurso em todas as instâncias. Foi distinto advogado da causa o sr. Dr. João Carlos Assis Pereira de Melo, antigo Deputado à Assembleia Nacional, Presidente da C. C. da U. N. e Adjunto

Continua na página 7

PAISAGEM AVEIRENSE

UM TRECHO DO RIO VOUGA

Foto do DR. JOÃO SOARES

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que no 2.º Juízo de Direito da comarca de Aveiro e nos autos de acção sumária em execução de sentença que, pela 1.ª Secção de Processos, Celestino Ferreira Martins, casado, comerciante, residente no lugar e freguesia de Pinheiro de Lafões, comarca de Oliveira de Frades, move a José Soares de Pinho, comerciante, e sua mulher Maria Carolina Tavares Ribeiro, doméstica, residentes no lugar de Arões, comarca de Oliveira de Azeméis, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação deste, citando os credores desconhecidos dos executados para, no prazo de dez dias decorrido que seja o dos éditos, virem à referida execução deduzir os seus direitos, querendo.

Aveiro, 24 de Maio de 1962

O Juiz de Direito,

Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Chefe da Secção,

Américo Casquilho de Faria

Litoral ◇ N.º 398 ◇ Aveiro, 9-VI-1962

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

Federação de Caixas de Previdência

Sede: Avenida de Manuel da Maia, n.º 58-2.º — LISBOA

AVISO

Admissão de Médicos Pediatras para o Posto Clínico n.º 50 (Aveiro)

Está aberto concurso documental de provimento, pelo prazo de 30 dias, a contar do dia 24 de Maio de 1962, para médicos pediatras do Posto Clínico n.º 50 (Aveiro).

As condições de admissão ao concurso encontram-se patentes na sede da Federação — Avenida de Manuel da Maia, 58-2.º-Esq.º em Lisboa, na Delegação da Zona Centro (Rua de Antero de Quental, 51-53- Coimbra) e no Posto Clínico em referência.

O prazo para entrega dos documentos, termina às 18 horas do dia 22 de Junho de 1962.

Lisboa, 16 de Maio de 1962.

A Direcção

FORÇA AÉREA
BASE AÉREA N.º 7

Conselho Administrativo

Fornecimento de géneros

Faz-se público que se encontra aberto até 20 do corrente, concurso para fornecimento de Géneros, Mercearia, Pão, Carnes, Peixe, Vinhos e Azeites.

Os concorrentes deverão enviar a este Conselho Administrativo, em carta fechada e lacrada, até às 15,00 horas do dia indicado, propostas para o fornecimento dos referidos géneros.

O fornecimento terá início em 1 de Julho e terminará em 30 de Setembro do corrente ano.

Os concorrentes terão de depositar neste Conselho Administrativo, no acto da entrega da proposta, como caução, a importância de 500$00 (Quinhentos escudos), que levantarão caso não lhes seja adjudicado qualquer fornecimento.

O Caderno de Encargos, encontra-se patente, neste Conselho Administrativo, todos os dias úteis, das 09,00 às 15,00 horas, excepto aos sábados.

Base em S. Jacinto, 7 de Junho de 1962

O Presidente do C. A.

Domingos Belo

Cap. Pil. Av.

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

Continuação da primeira página

São Paulo, mistérios de Hong-Kong, noites nostálgicas de de Filadélfia, e tombadilhos de paquete inglês em vários oceanos; por isso lhe pedi nomes de países, datas, precisões...

Nasceu em Lisboa em 1908. Filho, neto e bisneto de oficiais de marinha de guerra. Muito criança partiu para África (Angola) com seus pais e irmãos. Viveu alguns anos em Mossâmedes, cidade à beira-mar, da Costa Ocidental. Esteve em Macau. Deu a volta ao mundo, indo pela América e regressando pelo Canal de Suez. Foi empregado bancário, funcionário colonial, secretário e chefe de gabinete de seu pai no Governo do Território da Companhia de Moçambique, na África Oriental. Percorreu nessa altura o interior da África do Sul, Rodésias, Zambézia, etc.. Tornou a Lisboa. Seguiu para o Brasil, onde trabalhou dois anos no comércio e no jornalismo, em São Paulo. Voltando a Portugal, uma doença o obrigou a convalescer nos Pireneus. Ali esteve alguns meses numa casa de saúde, onde levou a cabo o seu primeiro romance, Herói derradeiro, vivido em África, pensado no Brasil e escrito em França. Tornou ao Brasil. Em 1933 fixou residência em Portugal. Mas viajou ainda por Espanha e Marrocos. Mais tarde esteve nos Estados Unidos da América...»

E iam por aí as notas biográficas que arranquei a Joaquim Paço d'Arcos. Só havia duas datas, 1908, a do nascimento, e 1933.

— Quero mais datas, meu caro. Que anos foram os de Macau? E os de Moçambique?

— 1925 a 1928.

— E os de São Paulo?

— 1928 a 1930.

Afinal, eu parecia um guarda de fronteira examinando um passaporte e pedindo precisões a respeito dos carimbos confusos.

— Quando tornou ao Brasil?

— Em 1932.

— Quando viajou pelos Estados Unidos?

— 1941.

E continuei a ler a resumida folha autobiográfica que Joaquim Paço d'Arcos tivera a paciência de escrever para mim.

«Uma estadia de cinco meses nos Estados Unidos levou-o a publicar um estudo sobre êsse país e as novelas do livro «Neve sobre o mar». Como ensaísta publicou «O romance e o romancista» em que defende a independência do escritor perante as forças transitórias que pretendem subordinar a sua arte. É funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Não é bacharel em direito.»

Bastava? Eu não tinha mais do que abrir os seus livros e procurar, em cada episódio, um episódio da vida do romancista. Entretanto, l'appétit vient en mangeant. Quando, há dias, voltei a trocar impressões com Joaquim Paço d'Arcos sobre o projectado prefácio, eu queria mais datas, mais minúcias... Onde é que fôra empregado bancário? Que profissão exercera em Macau? Por que fôra antiquário e jornalista em São Paulo precisamente na época de duas revoluções nossas: 1930 e 1932? (Na minha inocente pergunta não havia a menor suspeita de que ele tivesse feito ali contrabando de armas, como Rimbaud na Abissínia. Era apenas o apetite de precisões inquisitoriais.)

Este romancista nos autoriza a tais indiscrições, porque não há história sua, por mais inventada, que não tenha o excitante sabor de uma confissão pessoal. Que são as páginas do Diário de um emigrante ou as dos Amores e viagens de Pedro Manuel senão confissões? Entretanto, a consentir em mais explicações, mais dados, mais itinerários, êle se arriscaria, quem sabe, a trair o segredo de futuros livros.

Passado o ciclo das suas novelas de viagens (Herói derradeiro, Amores e Viagens de Pedro Manuel, Diário de um emigrante, Neve sobre o mar), Joaquim Paço d'Arcos começou a construir estes vastos painéis da sociedade lisboeta contemporânea que são Ana Paula, Ansiedade e O Caminho da culpa. Não lhe bastando o romance como meio de expressão, ei-lo a escrever também para o teatro (O cúmplice, O ausente) e a mostrar-nos novos aspectos dessa mesma sociedade, sobretudo nas camadas em que o dinheiro, as heranças e os altos negócios criam conflitos psicológicos, excelente matéria para o ôlho implacável do romancista. Já agora, portanto, é só de Lisboa que êle nos fala. Lisboa dos nossos dias, com lucros de guerra e ruas melancólicas, Lisboa em que por trás dos muros de palácios brasonados espiam olhos flamejantes, desmoronar de conceitos, interesses antigos, formas de vida, mundos feridos.

Nesses romances do «ciclo lisboeta», Joaquim Paço d'Arcos fixou a atmosfera da capital portuguêsa nestes anos que estão decorrendo; são, como êle próprio diz, a crónica «de uma época com seus erros, misérias, lutas, problemas e anseios».

A um crítico, que o acusou de não mostrar a vida do povo nos seus livros, respondeu invocando o dever da honestidade e da sinceridade que domina toda a sua obra. Os livros de um Marcel Proust ou de um Aldous Huxley perderão de importância por não se referirem às lutas do proletariado? Será «social» apenas a obra que refletir uma só modalidade de miséria e uma só modalidade de conflitos? Não será «social» toda obra de arte de conteúdo humano? Mas, se ninguém quisesse, pudesse ou soubesse escrever a vida de Ana Paula, ou da Eugénia Maria de O caminho da culpa, como completar o retrato de uma sociedade, de uma nação, de uma época?

Toda exclusão intencional, em matéria de arte, padece da mesma insuficiência de visão. Excluir a aristocracia e a plutocracia do romance lisboeta de 1944 seria tão absurdo quanto desinteressar-se, intencionalmente, da pequena burguesia que vegeta nos quartos andares da Baixa ou o poviléu que esfervilha nas ruelas da Mouraria e de Alfama. Cada qual que fale do que melhor sabe, tanto mais, como no caso de Joaquim Paço d'Arcos, quando não se trata de um cortesão ou de um panegirista, mas de um artista sensível, solidário com a dor do homem, pobre ou rico, vencedor ou vencido. Não é para fazer-lhes o elogio, de resto, que Joaquim Paço d'Arcos nos mostra estes banqueiros, estes homens de negócio, estes fidalgos, estes mundanos que rodeiam o segrêdo, a paixão, o sofrimento e a morte de Eugénia Maria.

Artista da mais absoluta sinceridade, fiel à sua visão, ao seu meio, à sua experiência, ele é incapaz de mudar de instrumento ou de melodia para seduzir qualquer plateia desatenta. Aliás a sua é atentíssima, e não lhe pede senão que continue; as edições de Ana Paula, de Ansiedade e de todos os outros livros de Joaquim Paço d'Arcos se sucedem. Nem lhe falta, para ressonância maior de uma carreira literária já triunfal, certo escândalo literário: a sua recusa, em 1938, em aceitar o prémio concedido a Ana Paula pela venerável Academia das Ciências, porque esta (na mão direita os louros e na esquerda a palmatória) lhe apontou «deslises de semântica» e «expressões francesas ou afrancesadas».

As presentes linhas escritas a correr, com O caminho da culpa já impresso, estão longe de ser o que merece o escritor que muito admiro. Queiram os leitores brasileiros permiti-las e aceitá-las como uma simples homenagem a quem, por modéstia, as reclamou com afectuoso interesse.

Se eu dispusesse de vagares, calma de espírito, atmosfera de ócios estudiosos para escrever sobre Joaquim Paço d'Arcos o largo estudo que a sua obra sugere, não deixaria de dedicar algumas páginas a certos personagens seus, que uma vez entrevistos nunca mais esquecemos, sejam os de Lisboa — a Pequenú, Ana Paula, Eugénia Maria — sejam os de «uma mulher em cada porto», como a argentina do Rio de Janeiro ou a inglêsa da Rodésia, a alemã de Washington ou a russa de Hong-Kong, essas Carmens, Sônias, Margarets e Winifreds que aparecem, efémeras e perturbadoras, no pórtico de cada narrativa, sumindo-se depois nos naufrágios, nas cadeias, nos hospitais ou nos ascensores dos arranha-céus.

Por isso mesmo tenho para mim que o mais extraordinário de todos, o personagem mais rico de experiência, de segredos e de lembranças nestes dramas, é aquele que os senhores já adivinham: Joaquim Paço d'Arcos.

Ribeiro Couto

General João de Almeida

— Continuação da primeira página —

de João de Almeida, alma forte em corpo franzino, mas peito de aço que a metralha inimiga nunca fez tremer e se celebrizou na campanha do Sul de Angola dominando os rebeldes na afirmação dos direitos históricos, que a mais ninguém pertencem senão a nós.

João de Almeida é da rara estirpe daqueles varões fortes de que nos fala o Épico e fizeram a nossa História. Preenche um lugar ilustre na galeria notável dos defensores do nosso nome, da nossa honra, dos nossos mais altos deveres cívicos, nessa plêiada de valentes portugueses, célebres na obra de consolidação do Império que se seguiu à heróica aventura dos pioneiros de um Portugal Maior — os Capelos, os Ivens, os Silvas Porto, que sonharam o célebre e mal fadado mapa côr de rosa, *que, ligando as duas costas (a oriental e a ocidental) foi sonho, criação e impulso emocional de sacrifício aos vitupérios, de agruras às ciladas de estrangeiros cobiçosos, que o fizeram sossobrar não passando de sonho.*

Outras mais altas vozes, nesse primado condenável da força sobre o direito, obrigaram-nos a recuar nesse sonho, cortado cerce por outro sonho — o sonho da ligação do Cairo ao Cabo, na ambição imperialista da radiosa era vitoriana.

Então, as assembleias internacionais também intervieram, como hoje, ao lado dos maiores da época, a proporcionar-lhes possibilidades de engordar à custa da nossa fraqueza...

E seguiriam por aí adiante, novas ambições encadeando-se nas ambições já velhas, se a visão patriótica e audaciosa do malogrado Rei que foi D. Carlos, tão malogrado e infeliz que até mereceu da Pátria a morte, não tomasse a decisão de lhe pôr cobro ao intento, mobilizando todos os seus maiores valores na defesa heróica do nosso património do Ultramar. Foi a hora dos Caldas Xavier, dos Mousinhos, dos Azevedos e Couceiros e depois dos Roçadas e dos Almeidas, etc..

João de Almeida é um desses grandes que podem ensinar aos jovens o caminho a seguir para honra sua e honra da Nação a que pertencem.

Recorto do singelo mas expressivo In Memoriam *publicado pelo Centro Extra-Escolar de Aveiro, algumas palavras proferidas por João de Almeida a propósito dos deveres dos jovens a quem falava:*

— «Tenho fé, — *dizia ele então, em 1933, referindo-se às duas correntes do Romantismo em Portugal — a piegas, que pretendia polarizar na literatura a «Dama das Camélias»* e a outra, a que desperta na alma portuguesa, adormecida depois de um século, e se quer lançar, como os homens de autrora, para as glórias, as tentações, as grandezas de Além-Mar».

Então, invocando o passado no heroismo da geração precedente, da que ele foi notável ornamento, mostrava-se confiante no futuro da juventude a que se dirigia:

— «Tenho fé que os moços de hoje, na nova acção que se impõe, regressem ao nosso romantismo e também eles vão pelo Mundo fora, obedecendo à mesma força inflexível, em cata da nobilíssima função de servir.»

Na verdade João de Almeida serviu a Pátria, como raros, nessa nossa A'frica, sempre rodeada de perigos e eriçada de dificuldades pela acção subversiva e sub-reptícia dos vizinhos e de inimigos pintados de amigos e aliados.

Tal como hoje, as surpresas surgiram, de alçapões abertos pelas ambições internacionais que pretextavam não poder a cabeça metropolitana orientar e garantir o desenvolvimento de um corpo tão volumoso como era o do nosso império ultramarino.

Lição de sempre a de João de Almeida na afirmação da soberania portuguesa no sol de Angola que governou com inteligência, essa distante e irrequieta Huila, numa dupla acção militar e administrativa, onde deixou o rasto de uma visão segura, serena da sua passagem por aí, olhos postos sempre na Pátria que de longe o acarinhava e festejava. Recordo a sua visita a Agueda e a apoteótica recepção que aí teve com o seu companheiro de armas nessa jornada africana, o então Tenente, se não erro, Albano Pinto de Melo, mais tarde comandante da Escola de Sargentos, ambos com o peito constelado dos louvores que nunca a Pátria nega aos que a servem em heróico sacrifício.

João de Almeida era natural do distrito da Guarda, mas casou com uma distinta Senhora de Aveiro e aqui tinha a sua casa, e nasceram os seus e aqui passou muito do tempo disponível das suas ocupações oficiais e jornadas militares.

Aveiro, embora aqui não residisse, era, para ele, a sua segunda terra natal, à cidade prestou vários serviços, ao seu progresso e futuro, à sua iniciativa se tendo ficado a dever a primeira instalação de luz eléctrica.

Pode, pois, de Aveiro considerar-se também. Bastaria para tanto entroncar-se o seu sangue e o seu nome, pelo seu casamento, com o sangue e o nome da grande figura de aveirense que foi o notável e dedicado amigo de José Estêvão — Mendes Leite, seu companheiro de armas e das lides políticas na época apaixonante das lutas liberais.

Se a História relevou o seu nome, se a Pátria o regista como um dos maiores nas suas páginas de glória, Aveiro também não pode deixar de o considerar entre um dos que mais nos honram.

Querubim Guimarães

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	MODERNA
Domingo	A L A
2.ª feira	M. CALADO
3.ª feira	AVEIRENSE
4.ª feira	S A Ú D E
5.ª feira	OUDINOT
6.ª feira	M O U R A

«Dia de Portugal»

Na Escola Técnica

Hoje, com início às 16 horas, efectuam-se, na Escola Industrial e Comercial de Aveiro, diversas cerimónias comemorativas do «Dia de Portugal».

Na I Parte, a prof.ª sr.ª Dr.ª D. Maria Ondina Leite Gamelas profere uma conferência, desenvolvendo o tema «Lirismo Patriótico dos Lusíadas». Haverá, ainda distribuição de prémios aos alunos mais classificados. Colabora na sessão o Grupo Coral do Ciclo Preparatório, dirigido pelo Professor de Canto, sr. Américo Amaral.

Na II Parte, apresentam-se danças regionais e classes de ginástica, sob orientação dos professores D. Albertina Chaves Martins e José Hernâni Moreira da Silva.

No Liceu

As tradicionais celebrações do «Dia de Portugal» foram marcadas, no Liceu Nacional de Aveiro, para a próxima segunda-feira, dia 11, com início às 15 horas.

Na I Parte, efectua-se uma sessão cultural, com apresentação do Orfeão Menor do Liceu e uma conferência proferida pela prof.ª sr.ª Dr.ª D. Cármina Estefânia Neves Vidal, segundo o tema «A Presença da Vida Marítima nos Lusíadas».

Na II Parte, terá lugar um Festival de Educação Física.

«Semana do Ultramar»

Na Base Aérea

Integrados nas comemorações da «Semana do Ultramar», realizaram-se na Base Aérea 7, de S. Jacinto, no passado dia 8, diversas cerimónias, iniciadas às 9 horas, na Capela da Base, com uma missa por alma dos militares que perderam a vida no Ultramar.

Seguiu-se uma conferência, proferida pelo sr. Coronel Vasconcelos e Sá, Comandante da Base Aérea 7, que desenvolveu o tema «Estrutura Social da Nação Portuguesa».

Houve, depois, a projecção de dispositivos sobre o Ultramar, acompanhada de elucidações prestadas pelo sr. Capitão Órgão de Matos, Comandante da Esquadra do Pessoal, e ainda a exibição de um filme sobre o Ultramar Português.

No Centro de Estudos Político-Sociais da L. P.

Na próxima quarta-feira, dia 13, no Centro de Estudos Político-Sociais da Legião Portuguesa de Aveiro, profere uma conferência integrada na «Semana do Ultramar» o sr. Dr. Manuel Granjeia, advogado nesta cidade.

Relatório da Junta Autónoma

Foi distribuído o Relatório das contas e obras realizadas em 1961 pela Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

Em 26 de Maio, procedentes de Leixões, entraram a barra o batelão *2-D* e o reboque *Rio Vez*.

Em 28, vindos, também, de Leixões, demandaram a barra o rebocador *Rio Vez* e o batelão *1-D*, tendo, na mesma data, saído para este porto de Leixões, o reboque *Rio Vez*.

Em 29, vindo de Lisboa, entrou o navio-tanque *Sacor*, com gasolina, e saiu para Viana do Castelo o rebocador *Rio Vez*.

Em 30, com destino a Lisboa, saíram o navio-tanque *Sacor* e o atuneiro *Rio Águeda*.

Em 31, vindo de Setúbal, com cimento, entrou o galeão a motor *Praia da Saúde*.

Em 2 de Junho, procedentes dos Bancos do Lavrador, entraram os arrastões bacalhoeiros *Santa Mafalda* e *Bissaya Barreto*, com carregamentos de bacalhau fresco, e saiu para o Porto, em lastro, o galeão-motor *Praia da Saúde*.

Em 4, vindos de Lisboa e Hamburgo, respectivamente, entraram o navio-tanque *Sacor*, com gasóleo, e o navio-motor francês *Atlantique*, em lastro.

Movimento da Lota

De 1 a 31 de Maio findo, o valor do peixe vendido na Lota de Aveiro foi de 2 389 499$00 — total do apurado pelas traineiras (2 096969$00), pelos arrastões costeiros (261 620$00) e pelo peixe da Ria (30 910$00).

Conservatório Regional de Aveiro

✶ Na próxima sexta-feira, dia 15, haverá, no Teatro Aveirense, mais um concerto musical — o quarto da presente temporada — promovido pelo Conservatório Regional de Aveiro, desta vez com a colaboração da Pró-Arte.

Apresenta-se a Orquestra Filarmónica de Lisboa, dirigida pelo Maestro Dr. Ivo Cruz, Director do Conservatório Nacional.

Faz parte do programa um concerto de Carlos Seixas, para piano e orquestra, em que será solista a Professora do Conservatório de Aveiro D. Maria Melina Rebelo.

✶ No dia 18 de Junho corrente, realizar-se-á no ginásio do Liceu, a segunda Audição Escolar deste ano, com a apresentação de alunos das seguintes classes: de Iniciação Musical, Canto e Canto Coral Infantil, da Prof.ª D. Maria Fernanda Salgado; de Piano, da Prof.ª D. Maria Melina Rebelo; de Violino, do Prof. Pereira de Sousa, e de Violoncelo, do Prof. Ramon Miravall.

A entrada é livre.

Vida Corporativa

✶ Foi nomeado Subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência no Distrito de Aveiro o sr. Dr. João Augusto de Almeida.

A posse foi-lhe conferida, no dia 1 de Junho, pelo Delegado Distrital, sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge.

✶ Por alvará do sr. Ministro das Corporações e Previdência Social, de 9 do passado mês de Maio, foram aprovados os estatutos do Sindicato Nacional dos Empregados de Garagens e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro.

Palácio da Justiça

Concluídas as obras de demolição dos velhos muros que circundavam o novo edifício do Palácio da Justiça, está a proceder-se ao conveniente arranjo dos passeios e dos arruamentos que o circundam.

A inauguração do Palácio da Justiça de Aveiro está prevista para o dia 24.

Museu de Aveiro

✶ No fim da semana transacta visitou o Museu o Ex.mo Senhor Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Eng.º Pena e Silva, acompanhado pelos senhores Arq.º João Vaz Martins, Director dos Monumentos Nacionais, Arq.º Amoroso Lopes, chefe 4.ª Secção dos Monumentos Nacionais (Coimbra), e Arq.º Portugal, da mesma Secção.

O ilustre visitante inteirou-se do bom andamento das obras em curso, sendo resolvido que as mesmas se concluam muito em breve.

✶ Também esteve novamente de visita ao Museu o Prof. Robert Smith, da Universidade de Pennsylvania (E. U. A.) que efectuou vários trabalhos fotográficos.

«Arquivo do Distrito de Aveiro»

Temos presente o n.º 106 do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, relativo aos meses de Abril, Maio e Junho de 1961 e agora distribuído, com o seguinte sumário:

A. G. da Rocha Madahil, *Livro dos títulos do Convento de São Domingos da cidade de Aveiro — Sécs. XV a XVIII;* Soares da Graça, *Um memorialista aguedense do século XVIII;* A. G. da Rocha Madahil, *Cartas da Infanta Santa Joana e documentos avulsos dos arquivos portugueses a ela respeitantes;* Francisco Ferreira Neves, *Carta de brasão de António da Rocha de Resende; e Sebastião de Carvalho e Lima, aveirense notável.*

Sem desprimor para os restantes, são de particular interesses os dois curiosíssimos estudos de Rocha Madahil, o primeiro iniciado e o segundo concluído neste número da conceituada revista, que tanto honra os seus ilustres directores.

Apenas temos a deplorar os termos em que Rocha Madahil se permite fazer o comentário de algumas pretendidas inexactidões sobre a cronologia das viagens do Infante D. Pedro, o «das sete partidas», que encontrou, segundo afirma, num recente número da revista *Colóquio* e no estudo *A acção missionária no período henriquino*, aqui numa passagem puramente incidental.

Os deslizes sobre cronologia, frequentes nos mais doutos e probos historiadores e, designadamente, em Rocha Madahil, de modo nenhum, a existirem no caso concreto, justificariam as «hiperbólicas» e «sonorosas» palavras com que pretendeu castigá-los.

Além de imerecidas (no estudo *A acção missionária no período henriquino* nem sequer há inexactidão ou deslize, pois as datas indicadas são simples datas limites), elas podem determinar a errada suposição de qualquer inveja ou acrimónia, sentimentos mesquinhos que a inexcedível e enternecedora modéstia de Rocha Madahil, muito conhecida e admirada, formalmente repelem.

Festejos da Quadra dos Santos Populares

A Secção dos Desportos Amadores do Sport Clube Beira-Mar, vai realizar, nas noites dos próximos sábados, dias 16, 23 e 30 de Junho corrente, festivais integrados na próxima quadra dos Santos populares.

Os festejos, cujos programas oportunamente se tornarão públicos, realizam-se no Pavilhão de Desportos do Beira-Mar, a construir no local do desaparecido tanque-escola de natação.

III Feira Internacional de Lisboa

Com a presença do sr. Presidente da República, membros do Governo e Corpo Diplomático, inaugura-se hoje, pelas 15.30 horas, a III Feira Internacional de Lisboa, que reune vasta representação industrial proveniente de vinte países.

No certame, cuja área foi, este ano, consideràvelmente aumentada, participam cerca de 1500 firmas cujos produtos, pela sua variedade, oferecem grande interesse não só aos industriais e comerciantes mas também aos agricultores que ali terão oportunidade de apreciarem a eficiência das últimas inovações da técnica moderna para melhorar o trabalho de lavoura.

A Feira Internacional de Lisboa, ao reunir nas suas instalações tão importante representação industrial, permite às actividades económicas portuguesas, qualquer que seja o ponto do País em que se situem, a possibilidade de um contacto directo com as mais modernas aparelhagens de todos os géneros que, de outra forma, só seria possível deslocando-se ao estrangeiro.

De resto, as visitas da Província, além das facilidades de transporte concedidas pela C. P. para grupos que se desloquem à capital, merecem a melhor atenção do comissariado da Feira Internacional de Lisboa, que põe ao dispor dos visitantes interessados os seus serviços de recepção e informação.

VASCO BRANCO

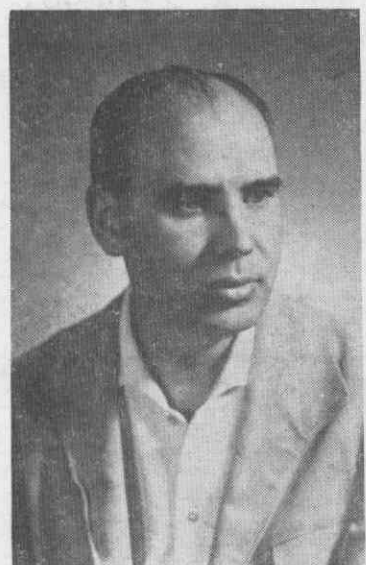
Primeiro Prémio num Certame Internacional de Cinema

Ainda o mês passado tivemos oportunidade de noticiar que o Dr. Vasco Branco somara aos seus triunfos de cineasta dois prémios máximos no I Festival Internacional de Cinema de Amadores de Lourenço Marques; *e já hoje nos é gratíssimo poder referir que o ilustre aveirense — escritor, pintor e realizador cinematográfico de excepcionais méritos — conquistou novos louros, obtendo agora o primeiro prémio da rubrica «Famille», nas «3.es Journées Internationales du Filme 8 mm.», realizadas em Paris, de 10 a 20 de Maio findo.*

O filme distinguido com o importantíssimo galardão foi «O Menino e o Caranguejo», projectado na abertura da sessão final daquela jornada internacional, na «Salle du Coucou» da capital francesa, em 29 de Maio.

Concorreram ao grandioso certame 108 filmes de 18 países participantes — Dinamarca, Espanha, França, Ilha Maurícia, Alemanha, Inglaterra, Áustria, Bélgica, Irlanda, Itália, Japão, Holanda, Polónia, Portugal, África do Sul, Suécia, Suiça e América do Norte.

O número de concorrentes — certamente dos melhores amadores cinematográficos do Mundo — dá perfeita medida do elevado plano em que se cotou o distinto cineasta português.

Os aveirenses devem sentir-se orgulhosos de contarem entre os seus conterrâneos um artista da categoria internacional de Vasco Branco, a quem endereçamos as mais efusivas felicitações.

Problemas do Sal

Na quinta-feira passada, esteve em Aveiro o sr. Prof. Eng.º Castro Caldas, que veio estabelecer contactos com alguns dos mais qualificados produtores salineiros, em ordem à conclusão do estudo, de que foi superiormente encarregado, dos problemas do sal.

Acompanharam o eminente catedrático os srs. Eng.os Duarte Amaral, João Pena Monteiro e Joaquim Vidal.

O sr. Prof. Eng.º Castro Caldas, que visitou as marinhas, conferenciou com diversos produtores, tanto de Aveiro como da Figueira da Foz, que lhe prestaram todas as informações de que carecia.

As conferências decorreram num ambiente da maior elevação, sendo muito claro o empenho de todos os que nelas intervieram de equacionar os problemas com verdade, para poderem ser resolvidos com acerto.

Dizem-nos que, entre outras questões do maior interesse, foram abordadas a da mais conveniente organização da produção salineira, a dos custos da produção, a da comercialização do sal e a da assistência aos marnotos nos casos de doença e invalidez.

Pelas informações que obtivemos, é-nos muito grato poder anunciar que os produtores, louvando-se na competência, probidade e sensatez do ilustre catedrático, uma vez mais demonstradas (qualidades que também reconheceram nos que o acompanhavam), ficaram seguramente convencidos de que os mais instantes problemas salineiros estão a ser conscienciosamente estudados e virão a ser resolvidos sem demoras e com a justiça que se impõe.

Não regatearemos os nossos louvores a quantos de algum modo para isso contribuam.

Agradecimento

Ulysses Pereira e seu filho Ulisses Rodrigues Pereira vêm penhoradamente agradecer a todos os Bons Amigos que se interessaram pelo estado de sua mulher e Mãe, quando da sua doença,

Não podem calar também a gratidão que ficaram devendo aos Médicos, Ex.mos Snrs. Josué Rodrigues Povoa e Armando Rodrigues Simões pelo inexcedivel desvelo, dedicação e carinho com que a trataram.

A todos

BEM HAJA

Festas de N.a S.a dos Campos
na Colónia Agrícola da Gafanha

Conforme foi noticiado, realizaram-se nos passados dias 2, 3 e 4 do corrente, os festejos de Nossa Senhora dos Campos, padroeira da Colónia Agrícola da Gafanha, núcleo de Colonização da Junta de Colonização Interna.

No sábado, dia 2, de manhã, foram disputadas as medalhas de ouro, prata e cobre das gincanas de bicicletas para rapazes e raparigas filhos dos colonos.

De tarde, serviu a Gincana de Tractores para se disputarem, entre outros, os seguintes prémios: Troféu 25 anos da J. C. I., Taças J. C. I., Mabor Tractores de Portugal, Sipema, Firestone e Recauchutagem Ideal, para os 5 primeiros lugares. O Júri desta Gincana foi constituído pelos senhores Engenheiro-Chefe da Brigada Técnica da 4.ª Região, Presidente do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo e Delegado da J. C. I. em Leiria. A assistência foi numerosa e entusiàsticamente aplaudiu os competidores que apesar da dificuldade do percurso demonstraram a sua perícia na condução destes veículos.

Depois desta gincana procedeu-se à inauguração da exposição dos trabalhos das alunas do Centro de Formação Familiar. Presentes, a Presidente Distrital da Obra das Mães pela Educaço Nacional, sr.ª D. Maria do Carmo Coutinho de Lima, e as sr.as D. Maria Luísa Leite Machado e D. Suzana Lagrifa.

No domingo, o Capelão da Colónia Agrícola, Rev.º Padre António de Almeida Resende celebrou missa, e, à homilia, em breves palavras, falou sobre o significado da festa. De tarde, depois de rezado o terço, realizou-se a procissão em honra de Nossa Senhora dos Campos e de Santo Isidro.

No final da procissão, o Rev.º Padre Sebastião Rendeiro prègou um sermão. Iniciou-se, depois, um concêrto musical, pela Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo.

O Concurso de Gados (vacas e movilhas leiteiras) pertencentes aos Colonos marcou o início do terceiro e último dia dos festejos. Presidiu ao júri o sr. Dr. Simões de Carvalho, Veterinário da Estação de Fomento Pecuário de Aveiro, e atribuiram-se, entre outros prémios, as taças Zinecor e Irpal para as duas primeiras vacas e a taça Alípio Dias para a primeira novilha.

Simultâneamente, um júri presidido pelo Delegado da Junta de Colonização Interna em Leiria, visitava e classificava os Casais Agrícolas para atribuição das taças Metalurgica de Duarte Ferreira e Sapec aos colonos que fazem as suas explorações seguindo os métodos mais racionais.

Seguidamente, um terceiro júri, presidido por uma representante da Obra das Mães pela Educação Nacional classificou as habitações sob o aspecto de «Arranjo do Lar».

Depois de vários concursos, houve uma visita às obras da Junta de Colonização Interna no baldio da Videira do Norte, seguindo-se um almoço de confraternização na praia de Mira.

De tarde, procedeu-se à distribuição de prémios, tendo o Inspector-Chefe Sieuve Afonso, em representação do Presidente da J. C. I. presidido à sessão e proferido breves palavras de congratulação, pelo brilhantismo das festas, e de estímulo aos colonos e suas famílias, para que continuem a trabalhar para elevação do seu nível religioso, moral, social e técnico, em prol de uma lavoura melhor.

Como fecho das festas, exibiu-se, ao fim da tarde de segunda-feira, o rancho «Tricanas da Calçada», de Albergaria-a-Velha.

Constantino dos Santos Silva
Agradecimento

A viúva e demais família de Constantino dos Santos Silva agradecem, por este meio, a todas as pessoas que por ele se interessaram durante a sua doença e a quantos se incorporaram no funeral do saudoso extinto, ou, por qualquer forma, os acompanharam na sua dor.

Joaquim de Oliveira Sérgio, Filhos, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifica-se para efeitos de publicação, que por escritura de 30 de Maio de 1962, exarada de folhas quarenta e oito, verso, a folhas cinquenta e duas, verso, do livro A-trezentos e noventa, deste cartório e na qual intervieram como autorgantes Marcelino de Oliveira Sérgio, Eduardo de Oliveira Sérgio e Sérgio Augusto de Oliveira Sérgio, todos de Aveiro, foi transformada em Sociedade por quotas de responsabilidade limitada, a sociedade em nome colectivo, com sede em Aveiro, Joaquim de Oliveira Sérgio, Filhos, de que eles eram os únicos sócios.

A sociedade por quotas, resultante da transformação, reger-se-à pelo constante dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade em nome colectivo sob a firma «Joaquim de Oliveira Sérgio, Filhos», com sede em Aveiro, é transformada em sociedade por quotas de responsabilidade limitada, passando a ser regida pelas cláusulas seguintes.

Segundo — A sociedade adopta a firma «Joaquim de Oliveira Sérgio, Filhos, Limitada», mantém a sua sede em Aveiro, e domicílio na Avenida Doutor Lourenço Peixinho, número sessenta e seis.

Terceiro — O seu objecto é o exercício do comércio de lanifícios e forros, por junto e a retalho, bem como o de qualquer outro que a sociedade resolva explorar e para que não seja preciso autorização especial.

Quarto — A duração da sociedade é por tempo indeterminado, a contar de um de Julho próximo.

Quinto — O capital social é de seiscentos mil escudos, corresponde à soma de três quotas iguais de duzentos mil escudos, uma de cada sócio, encontra-se totalmente realizado em dinheiro.

Sexto — A cessão de quotas, total ou parcial, depende de prévio consentimento da sociedade, a qual terá sempre o direito da preferência, pagando-a pelo que constar do último balanço aprovado, acrescido da respectiva parte nos fundos da reserva legal e outros, e ainda dos lucros do exercício então corrente, calculado pelo balanço efectuado na ocasião.

Parágrafo Primeiro — Se a sociedade não pretender adquirir a quota alienanda, será esta oferecida aos sócios, individualmente, sendo entregue, se mais do que um a pretender, ao que maior lanço oferecer em licitação entre eles aberta.

Parágrafo Segundo — Se nenhum dos sócios pretender a quota alienanda, ou partes, poderá ser cedida a estranhos.

Parágrafo Terceiro — O pagamento da quota alienanda, ou parte, qualquer que seja o adquirente, será feito de uma só vez, ou nas prestações ou juros a convencionar, devendo, em qualquer caso, ser esta resolução tomada por unanimidade dos sócios e tornada firme no praso improrrogável de noventa dias. Decorrido este praso, bastará a maioria dos sócios para deliberar.

Sétimo — Todas os sócios ficam sendo gerentes, dispensados de caução e sem remuneração, os quais distribuirão entre si as respectivas funções e serviços na sociedade, nos termos em que acordarem, não podendo nenhum deles, directamente, por interposta pessoa ou associado a outrem, exercer ramo de comércio ou indústria igual ao explorado pela sociedade.

Oitavo — A sociedade será representada em juizo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, podendo qualquer deles assinar todos os actos e documentos de mero expediente, devendo todos os demais actos e contratos ser assinados, pelo menos, por dois sócios.

Parágrafo único — Fica expressamente vedado aos sócios firmar em nome da sociedade actos e contratos a ela estranhos, sob pena de responderem por perdas e danos.

Nono — Em caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade não se dissolverá, continuando com os herdeiros do sócio falecido, ou com o representante do interdito, fazendo-se aqueles representar por um só deles, entre si escolhido, sem direito a gerência.

Décimo — Não haverá obrigatòriamente prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer suprimentos à sociedade quando deles carecer, nas condições que forem acordadas.

Décimo primeiro — No caso de dissolução da sociedade, não havendo acordo quanto à partilha, abrir-se-á licitação global do activo e passivo entre os sócios, sendo feita a adjudicação àquele que maior lanço oferecer.

Dècimo segundo — Os balanços e contas fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano. Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos cinco por cento para o Fundo de Reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios na proporção da sua quota.

Décimo terceiro — Quando a Lei não exigir formalidades especiais, as assembleias gerais serão convocados por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência.

Décimo quarto — Em todos os casos omissos, regularão as deliberações dos sócios regularmente tomadas, as disposições da Lei de 11 de Abril de 1901 e as demais disposições legais aplicáveis.

É certidão narrativa, que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, trinta e um de Maio de mil novecentos e sessenta e dois

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

2.ª publicação

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faço público que *Maria Virgínia dos Santos Vaz*, residente na Rua da Vista Alegre, em Valadares — Vila Nova de Gaia, requereu no sentido de ser autorizada a trasladar os restos mortais de seu pai *Luís dos Santos Vaz*, do Jazigo n.º 67 do Cemitério Central, desta cidade, para a Sepultura n.º 683 do Cemitério Sul.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo este praso, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da lei, prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 30 de Maio de 1962

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas

Eng.º Agr.º

Frente Patriótica

Continuação da primeira página

do Delegado do Governo no Grémio de Mercearias do Norte e Centro.

A causa não era difícil de vencer, porque nem sequer pôde justificar-se com uma análise químico-bactereológica da água do poço que a desse imprópria para consumo, mas, enfim, o distinto causídico venceu a questão para o seu cliente e, naturalmente, recebeu os seus honorários ou parte deles.

Do Supremo Administrativo, onde a questão foi definitivamente arrumada contra a Câmara de Estarreja, baixou à Auditoria Administrativa do Porto em Junho de 1961 e ainda lá continuava em 30 de Maio de 1962!!!

Consequência: o poço continua entulhado! à data em que escrevemos estas palavras, isto é: 2 de Junho de 1962!!!

Ao todo desenhamos sete pontos de exclamação. Excessivos?

Ao leitor de «Frente Patriótica» cumpre responder, depois, se quiser, coteje a sua resposta com as conclusões de outros que tenham o incómodo de ler estas considerações e, por fim, pergunte: como é possível que um **acto público**, terrivelmente atentatório dos direitos da propriedade particular; uma ilegalidade reveladora do mais descarado arbítrio; um abuso caracterizado de Poder e de autoridade; reprovados por todas as instâncias da Magistratura Administrativa, fiquem adormecidos na Secretaria da Auditoria Administrativa do Porto, sem que o distinto Advogado da causa e o supremo magistrado administrativo de Aveiro, façam todos os esforços necessários para que o lesado receba a compensação que lhe cabe pelos prejuízos sofridos e o poço reposto em funcionamento?

O caso constitue escândalo público na vila de Estarreja, contudo, o abafarete tem agido sob tal pressão, que nenhum protesto e nenhuma das muitas instâncias do proprietário lesado tem conseguido levantá-lo.

Aqui está um caso, ao qual se aplicam, qual dedo de luva, as passagens do discurso do sr. Dr. Correia de Oliveira.

E daí?

Francisco Rendeiro

VI Festival Gulbenkian de Música

Continuação da primeira página

ter apreciado muito a espontânea reacção favorável da assistência à sua música que parece requintar em nobreza de estirpe artística quando trata de coisas da nossa terra. Com uns números mais de carácter folclórico e em extra uma «Jota», que deve ser uma espécie de hino do agrupamento, terminou o recital no meio de um entusiasmo desbordante que deverá ter cativado os nossos vizinhos.

A Fundação Gulbenkian a quem a Cidade fica a dever este recital é credora do agradecimento de todos nós, por nos ter incluido no seu VI Festival. Só é pena — e sinceramente o lamentamos — que por razões, talvez de ordem local, não tenham a sorte de poder assistir a noites como esta algumas pessoas que bem a apreciariam.

Se é certo que há muito quem compre entradas para uma revista lisboeta, indo também a concêrtos; se, por outro lado, há quem se sacrifique para assistir a essa mesma revista e não vá a concêrtos, não deixa de ser igualmente certo que há quem — por mais sacrifícios que faça — não pode ir a concêrtos, mesmo aos baixíssimos preços por que a Gulbenkian taxa os seus Festivais.

João Artur

CASA DO DISTRITO DE AVEIRO, EM LUANDA

Acabamos de ter conhecimento de que foi recentemente organizada em Luanda a Casa do Distrito de Aveiro.

Em Assembleia Geral, que se realizou em 7 de Abril, foram eleitos os primeiros corpos directivos, que são os seguintes:

Assembleia Geral

Presidente — António Martins Nogueira (de Aguieira-Águeda); *Vice-Presidente* — Augusto Dias (de Aveiro); *1.º Secretário* — Armando Nelson da Silva Abreu (de Ovar); *2.º Secretário* — José Vicente de Almeida Neves (de Anadia); *Secretário Suplente* — Manuel Marques de Oliveira (de Cortegaça-Ovar); e Jorge Valente dos Reis (de Válega-Ovar).

Direcção (Efectivos)

Presidente — Dr. João Gaioso Henriques (de Aveiro); *Vice-Presidente* — Eng.º Alberto Pinto Resende (de Anta-Espinho); *1.º Secretário* — Augusto Vieira Decrook (de Aveiro); *2.º Secretário* — António Martins de Almeida Branco (de Aguieira-Águeda); *Tesoureiro* — Eng.º Diniz Caçoilo da Rocha (de Gafanha-Ílhavo); *1.º Vogal* — Casimiro Marques (de Aveiro); e *2.º Vogal* — Alferes José de Sousa Marques Calisto (de Aveiro).

Direcção (Substitutos)

Presidente — Dr. Fernando Janeiro (de Mourisca do Vouga-Águeda); *Vice-Presidente* — Eng.º Fausto Brandão de Andrade e Silva (de Mosteiro-Feira); *1.º Secretário* — Comandante Carlos Gaspar da Naia (de Aveiro); *2.º Secretário* — Joaquim de Almeida (de Vale de Cambra); *1.º Vogal* — A'lvaro Peralta (de Ovar); e *2.º Vogal* — Augusto Martins Nogueira (de Aguieira-Águeda).

Conselho Fiscal (Efectivos)

Presidente — Dr. António Borges (de Midões); *Secretário* — Justino Guimarães (de Aveiro); e *Relator* — António Ferreira Martins (de Aveiro).

Conselho Fiscal (Substitutos)

Presidente — Dr. Gonzaga Duarte (de Mourisca do Vouga-Águeda); *Secretário* — Francisco Dias da Silva (de Cucujães); e *Relator* — Raimundo Tavares de Almeida (de Avanca-Estarreja).

Esta agremiação, constituida por naturais de todo o nosso Distrito, estender-se-á aos principais centros da vastíssima Província de Angola; e propõe-se a propaganda das actividades culturais, comerciais e industriais de toda a região distrital aveirense e ainda promover o desenvolvimento do intercâmbio das referidas actividades em Angola, facultando consultas e informações e patrocinando propagandistas e agentes comerciais de produtos aveirenses.

A Casa do Distrito de Aveiro em Luanda encarrega-nos da honrosíssima missão de tornar pública a sua incondicional oferta a todas as pessoas ou organizações distritais, dentro dos princípios acima referidos, as quais podem dirigir-se-lhe para a Caixa Postal 5582.

O Litoral *congratula-se com a importantíssima iniciativa, felicitando os organizadores e pondo ao seu inteiro dispor estas colunas.*

DESPORTOS

Continuações da última página

Hóquei em Patins

● Outros resultados: *Minas, 3 — Sport, 5* e *Sport, 4 — Termas, 3*. Tendo-se registado a desistência da Académica, Sport ascendeu, invicto, ao comando da tabela classificativa.

● Amanhã, com o jogo *Termas — Galitos* (5-0), prossegue a prova.

CICLISMO

rício Vieira, Alpiarça; 14.º — José Anastácio, Benfica; 15.º — Manuel Carvalho, Alpiarça; 16.º — Joaquim Coelho, Académico; 17.º — António Oliveira, Ovarense; 18.º — Alcino Tavres, Académico; 19.º — Laurentino Mendes, Ovarense; 20.º — Artur Correira, Sangalhos — todos no mesmo tempo do vencedor; 21.º — Agostinho Correia, Alpiarça; 22.º — João Sarreira, Benfica; 23.º — João Gomes, Ovarense; 24.º — Jacinto Oliveira, Ovarense — estes com uma volta de atraso; e 25.º — Fernando Simões, Oliveirense, com duas voltas de atraso.

A mêdia do vencedor — 35,095 Km/h. — fica a assinalar o novo *record* do circuito.

Colectivamente, a classificação ficou assim ordenada:

1.º — Porto; 2.º — Benfica; 3.º — Alpiarça; 4.º — Académico; 5.º — Ovarense; 6.º — Sangalhos; 7.º — Oliveirense.

■ Antecedendo a prova de *independentes*, com 35 concorrentes, realizou-se uma movimentada prova para *populares*, com 46 velocipedistas. Ganhou-a o portista Artur Ferreira, ao *sprint*, ante numeroso lote de adversários.

ANDEBOL

da Avenida, em Espinho, com o jogo Espinho — Beira-Mar (1-11).

Todavia, qualquer que seja o desfecho do jogo, o Beira-Mar não será desalojado do primeiro posto, pelo que é já o virtual e brilhante campeão distrital, revalidando o êxito do ano transacto.

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	3	3	—	34-8	9
A. Vareiro	4	1	3	19-41	6
Espinho	3	1	2	18-22	5

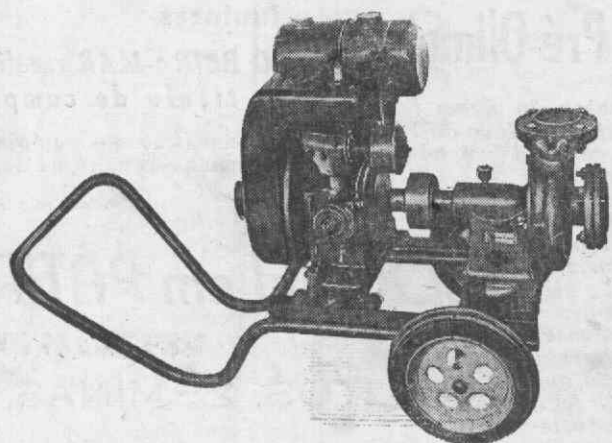
Beira-Mar, 18 — A. Vareiro, 3

Jogo em Aveiro, na noite de quarta-feira.

Beira-Mar — Lemos (Abrantes); Velhinho 1, Sequeira 3, Bio, Mota 2, Encarnação 5, Veiga 7, Orlando e Serafim.

A. Vareiro — Vítor II; Walter, Carvalho, Soares Couto, Óscar 3, Vítor I, Aurélio e Almeida.

Ao intervalo: 9 3.

Nitidamente superiores, os beiramenses *cilindraram* os jovens andebolistas ovarenses, num jogo que, a partir de certo ponto, apenas interessou pelos números de golos que os locais iam somando...

VITÓRIA de CARLOS MENDES
no V Grande Prémio de Madrid

No sábado, em Madrid, no lago da Casa do Campo, destacados motonautas espanhois e dois portugueses competiram em provas organizadas pelo Club Motonáutico de España e integradas no V Grande Prémio de Madrid.

Perante enorme assistência e em tarde bem primaveril, o lisboeta António Saguer e Carlos Marques Mendes, este representando o Sporting de Aveiro, ganharam duas das quatro corridas disputadas.

O categorizado desportista aveirense, mercê do tempo alcançado, foi o vencedor absoluto do V Grande Prémio, de forma que acrescentou novos louros ao seu já brilhantíssimo palmarés, prestigiando, também, o seu clube e a nossa terra.

A Carlos Mendes — que recebeu novo e honrosíssimo convite para voltar a correr em Espanha, em 16 e 17 do corrente, no Grande Prméio Internacional *que terá lugar em Avila — apresentamos as nossas mais efusivas felicitações, augurando-lhe a obtenção de novos êxitos.*

IV CIRCUITO DA VILA DA FEIRA

Em magnífica organização do jornal feirense *NOTÍCIAS — Semenário das Terras de Santa Maria*, voltou a constituir assinalável êxito desportivo o IV Circuito Ciclista da Vila da Feira, realizado no último domingo, com a presença da quase totalidade dos melhores estradistas portugueses.

O benfiquista Peixoto Alves e o portisto Mário Silva foram os grandes animadores da prova — mas nenhum deles veio a ganhá-la: esse prémio coube a Ernesto Coelho, que bateu, no derradeiro *sprint*, todos os adversários.

Apurou-se esta classificação geral:

1.º — Ernesto Coelho, Porto, 1 h. 43 m. 6 s.; 2.º — Lima Fernandes, Alpiarça; 3.º — José Pacheco, Porto; 4.º — Mário Silva, Porto; 5.º — Azevedo Maia, Porto; 6.º — Peixoto Alves, Benfica; 7.º — Carlos Carvalho, Porto; 8.º — Manuel Simões, Benfica; 9.º — Orlando Silva, Porto; 10.º — Mário Sá, Porto; 11.º — Joaquim Costa, Académico; 12.º — Antonino Baptista, Sangalhos; 13.º — Mau-

Continua na página 7

Quase Verão... e não há férias para o

ESTÁ o Verão à porta. A época é dos desportos náuticos — a que já hoje o LITORAL dedica, como se lhe impõe, uma maior atenção.

Entretanto, o futebol não há meio de ir para férias... — por manifesta e total culpa dos responsáveis pelo desporto-rei nacional, e com evidentíssimos prejuízos para os clubes, forçados a suportar o enorme peso das muitas preocupações e das muitas despesas que o improfícuo e nada aconselhado prolongamento das competições oficiais lhes acarreta.

Agora, e aguardando ainda o próximo dia 17 para o início dos torneios de competência — e tarda, também, a conhecer-se a decisão derradeira sobre a exposição que o Beira-Mar apresentou relativamente ao seu jogo com a Académica — temos, amanhã, o começo da *Taça Ribeiro dos Reis* (para os clubes arredados da Taça de Portugal e não participantes nos referidos torneios de competência). Das turmas do Distrito, jogam entre si Oliveirense e Sanjoanense, enquanro o Espinho se desloca a Vila Real. As partidas são a eliminar, só numa «mão».

●

Pròpriamente na nossa cidade, haverá amanhã um prélio amistoso pelas 16 horas:

BEIRA-MAR - CALDAS.

●

Há ainda que registar-se a afectivação da final do Campeonato Nacional da II Divisão, no preté-rito domingo, em Leiria.

O Barreirense, campeão do Sul, ganhou (2-0) ao Feirense, campeão do Norte — pelo que conquistou o título em disputa.

●

A fechar: conheceu-se, pela Imprensa matunina de anteontem, quinta-feira, que o Conselho Técnico da F. P. F. julgou improcedente a exposição do Beira-Mar acerca do *caso Jorge*.

E, também, naquele dia, soubemos que o Beira-Mar interporá recurso daquela decisão, para o Conselho Jurisdicional da F. P. F..

O *caso* arrasta-se... — e não se vislumbra o desfecho que terá.

Aguardemos...

Basquetebol

TAÇA DE PORTUGAL

Amoníaco, 19 — Ferroviário de Lourenço Marques, 79

No sábado, em Aveiro, realizou-se a primeira mão das meias-finais da Taça de Portugal, defrontando-se, no Rinque do Parque, o Ferroviário de Lourenço Marques e o Amoníaco (único grupo aveirense inscrito na aludida prova).

Arbitraram os srs. António Baptista e João Silva Santos, e os grupos apresentaram:

AMONÍACO — Benjamim, José Manuel 1-0, Ramos 2-4, Necas 2-0, Arlindo 6-2, Guilherme e Mária 0-2.

FERROVIÁRIO — Alberto Rodrigues 0-8, Francisco Marques 4-6, Labistur Alves 10-14, Carlos Ribeiro 10-2, Ipe Chiu Ah 9-8, Guilherme Soares 0-3, Pinho, Vítor Agostinho 0-2, César Pardal, Orlando Carmelo 0-3 e Ah Jin.

1.ª parte: 11-33. 2.ª parte: 8-46.

Os campeões de Moçambique não tiveram dificuldades para vencer a réplica, sempre animosa e persistente, dos estarrejenses. Equipa muito poderosa e evoluída, deixou boa impressão em Aveiro, mesmo sem nos oferecer uma exibição de nível excepcional.

No entanto, não temos qualquer dúvida em colocá-la no mesmo plano das mais destacadas turmas do Continente.

■ Hoje, pelas 22 horas, realiza-se em Estarreja o segundo jogo entre os dois grupos.

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

Completou-se, no domingo, a fase inicial do Campeonato Nacional da II Divisão, nas duas subséries nortenhas.

Mercê dos resultados — alguns deles autênticas surpresas — que se obtiveram, o Vasco da Gama ficou campeão da sua zona, enquanto, na outra, Sporting Figueirense e Leça concluiram igualados em pontos. Terão, por isso, de efectuar um jogo de desempate (possìvelmente em Aveiro), para se apurar qual o finalista nortenho que se baterá com os vascaínos.

CAMPEONATOS DISTRITAIS

Seniores

■ A prova prosseguiu, com a efectivação de mais dois jogos, que terminaram com os desfechos seguintes:

Espinho, 25 — Sanjoanense, 5
Amoniaco, 16 — Avanca, 9

■ Embora não tenhamos recebido ainda qualquer comunicado sobre o assunto, parece certo que a Académica desistiu do torneio, pelo que a tabela de pontos sofrerá alterações sensíveis.

■ A seguir, damos nota dos jogos que o calendário indica para hoje — Espinho — Atlético Vareiro (3-10) e Sanjoanense — Escola Livre (6-9) — e para diversos dias da próxima semana: dia 12, Avanca-Espinho (8-12); e dia 15, Atlético Vareiro — Amoníaco (15-7).

O Beira-Mar folgará, por falta da Académica.

Juniores

O BEIRA-MAR revalidou o título de campeão

A competição das equipas juvenis termina esta noite, no Campo

Continua na página 7

Em Cacia,
Vitória do CAMINHENSE
Na Regata de Preparação Pré-Olímpica

Como noticiámos, a Federação Portuguesa do Remo levou a efeito no fim da tarde de domingo, na pista do Rio Novo do Príncipe, uma prova de preparação pré-olímpica, em shell de 4, *na qual participaram as melhores tripulações portuguesas.*

A experimentada turma do Caminhense venceu, com plena autoridade, seguida pelo Galitos e pelo Desportivo da C. U. F.. Mais distanciados, chegaram à meta, o Ginásio Figueirense e o Fluvial Portuense. A prova foi muito agradável e bem disputada pelos cinco concorrentes — mormente por caminhenses, aveirenses e barreirenses. De notar, e o pormenor merece mesmo especial relevância, que todos os concorrentes (excepção feita à turma minhota, composta por veteranos) apresentaram remadores jovens e muito promissores, com qualidades bastantes para assegurarem ao remo nacional um próximo futuro invulgarmente brilhante.

● *A esperançosa turma do Clube dos Galitos, que vemos na gravura publicada ao lado, é formada por Luís de Pinho Romão, António Carvalho de Sousa, Carlos Rodrigues Paiva, João Martins Pereira e António Pinho,* tim..

CAMPEONATO DO CENTRO

GALITOS, 2 — MINAS, 0

Jogo no Rinque do Parque, no sábado, soq arbitragem do sr. José da Costa, de Coimbra.

Galitos — Gil; Almeida, José Augusto, Vieira e Lobo 1. *Supls.* — Albertino 1 e Feliciano.

Minas — Germano; Ilídio, Fernando, Ponte e Charqueira. *Supl.* — Duarte.

Merecido êxito dos aveirenses, ante a jovem e pouco rodada turma que os crónicos campeões regionais se viram forçados a apresentar este ano.

Os golos foram apontados aos 6 m. (Lobo) e aos 36 m. (Albertino).

Continua na página 7